



**Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações
Públicas, Rádio, TV e Internet Especialização
Mestrado em Comunicação**

Visibilização das Religiões de Matriz Africana nas Telenovelas Brasileiras

Beatriz Failla Ribeiro¹

Sandra Lucia Goulart² (Orientadora)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a presença das religiões de matriz africana na mídia brasileira. Religiões essas que foram historicamente marginalizadas, desde sua formação após o fim da escravidão até os dias de hoje. O campo religioso é marcado por disputas de poderes entre as religiões dominantes e dominadas, sendo estas últimas estigmatizadas e invisibilizadas por discursos inferiorizantes. Diante disso, foram analisadas duas telenovelas da Rede Globo que abordam de forma protagonista (ou não) às religiões afro-brasileiras. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com a coleta de opiniões de fiéis dessas religiões acerca da representatividade e da retratação destas e de seus elementos na televisão aberta. A novela mais recente, de 2023, “Vai na Fé”, parece demonstrar uma maior preocupação na representação das concepções e práticas de religiões de matriz africana.

Palavras-Chave: Religiões de matriz africana; Mídia religiosa; Telenovelas; Minorias religiosas.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz resultados e análises desenvolvidas durante a realização de uma pesquisa de iniciação científica da área de comunicação, realizada ao longo da minha graduação em Jornalismo, junto ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Faculdade Cásper Líbero³. A proposta inicial da pesquisa era analisar a programação de várias das principais redes de televisão brasileira, verificando a frequência e o modo como as religiões de matriz africana eram retratadas. Contudo, posteriormente, optei por diminuir o recorte da

¹ Beatriz Failla Ribeiro é estudante do curso de Jornalismo e pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa, CIP, da Faculdade Cásper Líbero. Email: beatrizfaillaribeiro@gmail.com

² Sandra Lucia Goulart orientou esta pesquisa de iniciação científica. Ela é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). É docente dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da Faculdade Cásper Líbero. Email: sluciagoulart@gmail.com

³ Esta pesquisa foi desenvolvida durante o segundo ano da minha graduação em Jornalismo, ao longo de 2023.

pesquisa, passando a focar o tratamento dados a essas religiões apenas em telenovelas da Rede Globo.

Neste artigo, inicialmente, abordarei a história da formação das religiões afro-brasileiras e a longa perseguição e estigmatização sofridas por elas e seus adeptos, tendo como principal referência bibliográfica o livro “Entre a Cruz e a Encruzilhada”(1996), do sociólogo Lísias Negrão. Ainda nos primeiros tópicos do artigo, destaco a relevância do papel da mídia na construção ou desconstrução de preconceitos acerca de minorias sociais e suas manifestações religiosas, tendo como base a leitura de bibliografias de alguns autores do campo da comunicação.

No desenvolvimento do artigo, tenho como foco principal a análise de duas telenovelas da Rede Globo que, em graus diferentes e com ênfases diversas, tocaram em temas e elementos de religiões de matriz africana. Trata-se das seguintes telenovelas: “A Regra do Jogo” (2016) e “Vai na fé” (2023). São apresentadas e analisadas, também, ao final do artigo, as impressões de alguns fiéis, entrevistados para a presente pesquisa, sobre o modo pelo qual o seu universo de concepções e práticas religiosas são retratados nessas duas telenovelas.

2 HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E LEGITIMAÇÃO SOCIAL DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

A abolição da escravatura e a proclamação da república proporcionaram mudanças na sociedade brasileira, reorganizando as formas de trabalho e os direitos de liberdade constitucional das populações negras, inclusive do fazer religioso.

Desde o Império, os jornais brasileiros se referiam negativamente às práticas de rituais africanos, com teor de denúncia e preconceito. Entretanto, foi com o Código Penal do período republicano, em outubro de 1890, que ficou institucionalizada a repressão contra as religiões afro-brasileiras. Os artigos 156, 157 e 158 criminalizavam o espiritismo, magia e curandeirismo, proibindo a expressão de fé de religiões não aceitas pela elite branca (Maggie, 1992; Negrão, 1996; Goulart, 2019).

Segundo Lilia Schwarcz (1987), os jornais da época divulgavam teorias influenciadas pelo darwinismo social, buscando aproximação com a cultura e realidade dos países considerados mais “desenvolvidos” e de um estereótipo de civilização. O pensamento e ideologia predominantes de boa parte da intelectualidade brasileira do período era de que a

civilização se associava à pessoas brancas, enquanto os negros ainda teriam uma longa jornada para alcançar um patamar mais elevado no que se refere aos hábitos culturais.

Com a substituição da mão de obra escravizada e a vinda de estrangeiros para o Brasil, o cenário religioso mais amplo da sociedade brasileira se transforma significativamente. Surgem novas religiões de influências de tradições trazidas pelos imigrantes europeus, como o espiritismo d francês Allan Kardec e outras correntes espiritualistas. Essas tradições vindas da Europa e também dos EUA foram reelaboradas e passaram a dialogar com outras tradições do solo nacional e que faziam parte de uma antiga cultura de práticas religiosas muito associadas a funções terapêuticas de cura e a uma medicina tradicional popular do saber fitoterápico (Montero, 1985).

A formação das religiões afro-brasileiras envolvem processos de sincretismos com várias outras crenças de diferentes tradições e origens, como as correntes espiritualistas surgidas a partir do final do século XIX na Europa e EUA. Além disso, sua elaboração também implicou no estabelecimento de diversos tipos de correlações entre as divindades africanas e as católicas. Segundo Reginaldo Prandi (2003), isso se deu pelo fato de que as religiões de matriz africana se originaram em um contexto no qual apenas a religião católica era tolerada. Por isso, os escravizados eram obrigados a seguir a religião hegemônica, isto é, aquela associada às classes dominantes. Esta situação se propaga mesmo com o fim do regime escravocrata, quando os ex-escravos, agora homens livres, começam a se envolver com novas manifestações religiosas.

O sociólogo Lísias Negrão, em seu vasto estudo sobre a constituição do campo umbandista de São Paulo (1996), realizou uma pesquisa densa baseada em levantamentos de informações junto a fontes bem diversas, tais como: registros de cartórios, entrevistas com líderes religiosos e, ainda, notícias de jornais que remontam à época do final do Império e abarcam até à penúltima década do século XX. Negrão também realizou pesquisa e observação empírica junto a terreiros e federações de Umbanda. Na sua análise sobre a formação, ao longo de diversos períodos, de uma opinião pública sobre a Umbanda e seus adeptos, Negrão chama a atenção para o fato de que diferentes tipos de formadores de opinião, como cientistas, gestores públicos e jornalistas, foram relevantes para a disseminação, por volta da década de 1910, da ideia de que havia um “alto” e um “baixo” espiritismos. O primeiro termo estava mais associado às religiões reconhecidas como tais pelo Estado, aquelas que geralmente incluíam adeptos mais instruídos e de classes sociais mais altas. Já o segundo termo dizia respeito às práticas classificadas como mágicas e de curandeirismo, que eram proibidas pelo novo Código Penal, estabelecido em 1890, e

abarcavam pessoas de grupos sociais de baixa renda ou marginalizados, tais como os negros recém libertos. Por esse motivo, no entendimento de alguns autores, como Renato Ortiz (1991) e Yvonne Maggie (1992), religiões afro-brasileiras usavam o espiritismo de Allan Kardec como uma espécie de disfarce para poder atuar em suas casas de culto e evitar perseguições, se registrando nos cartórios como centros espíritas, ainda mais que no decorrer do Estado Novo, o Espiritismo deixou de ser criminalizado pelo Código Penal, mas a Umbanda e o Candomblé continuavam sendo alvos da repressão.

Os anos de 1945 até 1952, no Brasil, foram marcados pela redemocratização. Com a política populista que se originou no país, a Umbanda passou a buscar mais aproximações com certos líderes políticos cujos discursos visavam às classes populares (Negrão, 1996, p.74 e 75). Durante esse período, os jornais deixaram de focar majoritariamente na estigmatização das religiões afro-brasileiras e, ao mesmo tempo, o Espiritismo Kardecista e seus centros passaram a ter uma maior aceitação social e inclusive junto a classes sociais médias e altas. Entretanto, isso não significou que a repressão às religiões afro-brasileiras tenha cessado. Também nessa época, os terreiros de Umbanda dobraram de proporção, mas, ainda assim eram minoria frente aos centros espíritas (Negrão, 1996).

A partir de 1953, surgiram organizações federativas de terreiros de Umbanda e, em contrapartida, movimentos anti espíritas incentivados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Nesse período, a Igreja Católica elegeu as religiões espíritas como as suas principais adversárias, uma vez que o censo da época revelou o crescimento de adeptos dessas religiões, especialmente a Umbanda, que possuía mais fiéis.

Neste censo, segundo Negrão (1996), a Umbanda teve destaque no campo religioso mediúnico, com 68,6% das 1393 unidades religiosas registradas no período. Diante desse cenário, a Igreja Católica desejava ampliar sua rede de fiéis e, para isso, utilizou recursos que atacavam diretamente as religiões afro-brasileiras, utilizando, inclusive, a ameaça de excomunhão. Ao seu lado, estava a Imprensa conservadora, como o noticiário do veículo Estado de São Paulo que produzia matérias desmoralizando as religiões de matriz africana. Como explica Negrão,

“por esses motivos, os católicos que frequentassem os terreiros não poderiam receber os sacramentos, a não ser que abjurassem a Umbanda e renovassem a profissão de fé católica” (1996, p.84).

Por conseguinte, percebemos que, desde a formação inicial das religiões afro-brasileiras, elas foram estigmatizadas e desmoralizadas, tendo sua própria legitimidade religiosa constantemente contestada. No início da década de 60, as federações umbandistas

criaram várias e novas estratégias para alterar esse cenário e ampliar a legitimidade social e pública da Umbanda. O objetivo era alcançar o reconhecimento da Umbanda como uma religião diante do Estado e da sociedade brasileira. Para atingirem esse objetivo, as federações passavam a incentivar que os terreiros se desvincilhassem de seus aspectos mais associados a eventuais estigmas de origem (ligados aos negros e às suas manifestações culturais originais) e que, por outro lado, procurassem se aproximar de diretrizes e elementos de outras religiões mais hegemônicas. Assim, por exemplo, havia um estímulo para a ênfase em ideias como a de caridade do espiritismo Kardecista e para a moralidade dicotômica, do bem versus o mal, do tipo cristã (Negrão, 1996).

Foi no ano de 1964, com a imposição do regime ditatorial e a tentativa de aproximação dos políticos com as religiões populares para conseguir mais votos, que a Umbanda é incluída no Anuário Estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicando sua oficialidade.

A partir desse marco, as datas comemorativas da Umbanda passaram a ser incluídas nos calendários regionais, como o dia de Iemanjá e o dia do umbandista. A Umbanda continuou a crescer em um ritmo acelerado, com uma média anual de 283 locais de culto, alcançando 1132 terreiros nessa época. O Candomblé também teve um aumento na média anual de 9,5 terreiros, impulsionado pelo surgimento de federações afro-brasileiras (Negrão, 1996).

O último censo divulgado pelo IBGE, em 2010, apontou 0,085% de candomblecistas, 0,2% de umbandistas, 0,3% de umbandistas e candomblecistas e 0,007% de outras religiões afro-brasileiras em todo o território nacional (IBGE. Censo Brasileiro de 2010).

Ainda hoje, embora de um modo diferente dos tempos iniciais, muitos seguidores das religiões de matriz africana utilizam, em diversas situações, de elementos do espiritismo Kardecista e do catolicismo como estratégia para escapar das perseguições de intolerantes religiosos. Aliás, a esse respeito, o sociólogo Reginaldo Prandi, em trabalhos mais recentes sobre essas religiões (2003), ressalta a ideia de que o aumento do número de adeptos de qualquer religião invariavelmente tem relação com o modo como ela está sendo vista pela sociedade da época.

Ainda assim, Prandi destaca que várias pesquisas e estudos atuais mostram que as religiões afro-brasileiras vêm perdendo adeptos nos últimos anos (2003). O autor entende que diversos fatores podem levar a essas estatísticas, mas que, sobretudo, as novas condições da expansão das religiões no Brasil, no contexto de um mercado religioso transnacional, estão conduzindo a esse ‘descenso’.

3 MEDIATIZAÇÃO DAS RELIGIÕES

Anteriormente à existência das mídias digitais, as crenças religiosas se propagavam através da oralidade. Com o surgimento dessas, as religiões se reconfiguraram, assimilando técnicas, práticas e interseccionando seus valores. Ainda assim, é importante ressaltar que nem todas as religiões estão presentes no ambiente midiático da mesma forma, pois, existem aquelas que estão classificadas dentro da “alta mediação” ou da “baixa mediação”. O primeiro termo refere-se a aparição em grande escala das crenças religiosas em redes sociais, programas de televisão, sites, entre outros; sendo a presença na mídia um dos elementos fundamentais de configuração da sua identidade. Por outro lado, a “baixa mediação” refere-se às religiões que tendem não somente a não utilizar as mídias, como procuram separar suas características dos aspectos midiáticos.

Luís Mauro Sá Martino, em um livro sobre esse tema (2017), reflete como a midiatização da religião é capaz de influenciar práticas do cotidiano e como a partir delas, os diferentes fiéis religiosos se relacionam. Esse movimento se refere à articulação entre o ambiente midiático e processos sociais, no qual o modo de vivência de uma religião é alterado quando ela está na mídia. Suas características não se perderiam, mas ganhariam novos significados com o intuito de se adaptarem aos meios digitais.

Martino entende a religião como uma prática cultural, fenômeno histórico e simultaneamente político e que pertencer a uma determinada denominação religiosa é um indicador das hierarquias de identidade: aquelas que são marginalizadas da sociedade recebem um valor simbólico menor e muitas vezes são invisibilizadas e criticadas.

As religiões afro-brasileiras não ocupam o mesmo destaque que as religiões católica e evangélica na nossa sociedade, o que podemos atestar, por exemplo, por sua baixa presença na mídia brasileira. Além disso, o proselitismo das religiões neopentecostais e católicas e a demonização que estas últimas fazem dos aspectos rituais das religiões de matriz africana contribuem para a marginalização destas últimas.

Segundo o autor, quanto maior um distanciamento de uma religião de espaços que envolvem debates sociais e políticos, como no ambiente midiático e em demais esferas públicas, menor seria também a legitimidade da mesma diante da sociedade como um todo, havendo uma tendência, ainda, desse fato conduzir à uma diminuição do número de seus fiéis.

Assim, partindo das considerações de Martino, talvez seja possível ampliar a nossa compreensão sobre a posição das religiões de matriz africana no campo religioso brasileiro, e sua inclusão entre as minorias religiosas.

4 Análise da presença das religiões afro-brasileiras em duas telenovelas da Rede Globo

4.1 Gêneros afro-religiosos na TV: dados e informações atuais

O Informe Anual TV Aberta 2016, realizado pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE), teve como objeto de análise a programação dos seguintes canais veiculados na televisão aberta brasileira: Band, CNT, Globo, Record, RedeTV!, SBT, TV Brasil, TV Cultura e TV Gazeta. A escolha se deu por todos esses canais estarem disponíveis em diferentes estados do país.

O gênero religioso ocupou 21% da grade horária da TV Aberta, em 2016, com diferentes proporções em cada estação televisiva. A emissora com maior conteúdo religioso foi a CNT (46,9%), ocupando quase metade da participação desse gênero na televisão, seguido da RedeTV! (22,9%). Posteriormente estão Record (12,0%), Band (8,5%) e TV Gazeta (8,2%). As emissoras com a menor porcentagem de gênero religioso são TV Brasil (0,8%), Globo (0,3%) e TV Cultura (0,3%). O SBT não veiculou esse tipo de conteúdo tanto no ano analisado quanto em períodos anteriores.

Segundo a ANCINE, as novelas são tramas ficcionais que ocupam o horário nobre - 18H a 24H, de 5 a 6 dias por semana, intercaladas por telejornais e geralmente variam de 150 a 180 capítulos. As novelas são consideradas o gênero mais popular entre os brasileiros, independente das características socioeconômicas destes.

A programação do gênero novelas ocupou as seguintes porcentagens nos diferentes canais televisivos: SBT (35,5%), Globo (35,3%), Record (21,0%), Band (6,4%) e TV Brasil (1,9%). As demais emissoras não veicularam telenovelas no período analisado.

A Rede Globo, conhecida pela qualidade e referência de exportação de novelas, possui 15,80% de sua programação constituída por esse gênero. Segundo pesquisa mensal da Kantar Media sobre a audiência da TV aberta no Brasil, divulgada em 2022, a TV Globo foi a primeira colocada ocupando 31,2% do ibope nacional, com 10,80 pontos. O segundo lugar apresenta 6,69 pontos de diferença.

4.2 Religiões afro-brasileiras em duas telenovelas da Rede Globo

Diante dos dados apresentados, optei por analisar as telenovelas da Rede Globo, que embora seja uma das emissoras com menor porcentagem de propagação de conteúdo religioso, é também o veículo que possui maior visibilidade e quantidade de telespectadores do país. Além disso, apesar da pouca presença do gênero religioso na Globo, em comparação a outras emissoras de televisão, ela apresenta um espaço um pouco maior para conteúdos afro-religiosos em alguns nichos de sua programação. Dessa maneira, foram analisados capítulos de duas de suas telenovelas, “A Regra do Jogo” (2015) e “Vai na Fé” (2023), com o objetivo de perceber se há mudanças no modo como as religiões de matriz africana são representadas e se são perpetuados ou não estereótipos na sociedade mais ampla sobre elas. A escolha dessas telenovelas se deu devido ao período da produção e lançamento de cada uma delas, que é de sete anos de diferença.

Será que a retratação dos elementos afro-brasileiros esteve bem representada nestas duas telenovelas da Rede Globo? Como os fiéis das religiões de matriz africana se sentiram ao ver suas crenças e a forma com que elas foram reproduzidas neste espaço midiático? A pesquisa que desenvolvi teve como objetivo analisar alguns episódios dessas telenovelas, bem como sua recepção junto a alguns fiéis de religiões afro-brasileiras. Importante esclarecer que essa pesquisa teve uma abordagem exploratória, com um levantamento de informações sobre o tema ainda inicial e uma amostra flexível e pequena.

A novela “A Regra do Jogo” teve sua estreia em agosto de 2015 e seu último capítulo exibido em março de 2016. Com 167 episódios, integra o grupo de novelas das 21h e está disponível para assistir no Globoplay. Segundo o Fandom, blog de entretenimento, a sua média geral de audiência é de 28,53 pontos, sendo a 4ª novela transmitida em horário nobre, desde 1969, com o menor número de espectadores.

Essa telenovela narra a história de Romero Rômulo, o ator Alexandre Nero, ex-vereador e dono de uma ONG que ressocializa ex-detentos na sociedade. Ao contrário do que os telespectadores da novela acreditam, Romero é criminoso, líder de uma máfia relacionada com milícias. Romero se envolve com Atenas, a atriz Giovanna Antonelli, uma estelionatária que vive dando golpes e gastando seu dinheiro com luxos.

No capítulo 110 da novela “A Regra do Jogo”, a atriz Dalila (Alexandra Richter) incorpora uma entidade religiosa na passagem de ano, na praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Na cena, a personagem invade uma cerimônia religiosa afro-brasileira que está sendo realizada nesta praia. Ela pega um charuto de uma das médiuns que está participando da cerimônia — e que naquele momento encontra-se em estado de incorporação

de uma entidade — e passa a fingir ou imitar, de modo debochado, uma possessão ou manifestação de seres espirituais desta religião. Além disso, a personagem da novela utiliza, nesta cena, alguns termos do vocabulário das religiões de matriz africana, como “descarrego”, e se refere a si mesma como um “pai de santo”, de um modo bastante estereotipado e sem relação adequada com os contextos rituais próprios destes cultos.

Esta cena apresenta, assim, vários elementos que pertencem, de fato, ao universo de religiões afro-brasileiras, tais como: rituais na praia durante a passagem de ano; vestimentas de determinadas cores, objetos e cantos ligados a entidades destes cultos (como pretos-velhos da Umbanda e Orixás do Candomblé); incluindo a menção a seres espirituais do panteão destas religiões. Entretanto, ela inclui e expõe esses elementos de forma sarcástica, acentuando imagens superficiais, estereotipadas e pejorativas acerca das religiosidades de matriz africana e seus adeptos.

A personagem Dalila faz parte do núcleo cômico da novela. Assim, é possível perceber que os conteúdos afro-religiosos são apresentados nesta cena de forma satírica, desvinculados de um sentido sagrado ou de uma seriedade e, até mesmo, indicando uma ridicularização. A impressão é que os roteiristas e diretores desta telenovela não tiveram uma preocupação com um enquadramento mais adequado dos conteúdos afro-religiosos, desconsiderando os significados de suas práticas, crenças e símbolos. Por que não representar as religiões de matriz africana com fidelidade ao seus fundamentos, e em um núcleo de protagonismo da novela?

Com sete anos de distância de produção, a novela “Vai na Fé” foi lançada em 16 de janeiro de 2023 e seu último capítulo exibido em agosto do mesmo ano, sendo transmitida de segunda à sábado às 19 horas, com 179 capítulos. Segundo a Folha de São Paulo, a novela atingiu 23,1 pontos de média de audiência na Grande São Paulo.

A telenovela conta a história de Sol, protagonista evangélica, que acorda todos os dias para vender as quentinhas que sua mãe prepara. A família de Sol estava passando por dificuldades financeiras, quando chega a proposta para ela entrar como backing vocal na banda de Lui Lorenzo, cantor pop. Assim que as suas apresentações musicais começam a ter notoriedade, acontece uma reviravolta que faz com que Sol reencontre Benjamin, uma paixão da juventude.

No capítulo 35, é mostrada uma cerimônia do Candomblé, o Amalá de Xangô, oferenda feita com quiabo para o deus da justiça, dos raios e do fogo, em que o Orixá recebe seus filhos e mostra o caminho para que eles possam se desenvolver espiritualmente.

No meu entendimento, esta cena fugiu da mistificação e de uma apresentação superficial ou sensacionalista de conteúdos afro-religiosos. Sua representação demonstrou partir de um maior respeito e conhecimentos com relação a esse universo religioso.

Diferente do imaginado pelo senso comum, nas religiões de matriz africana, as oferendas a entidades espirituais, realizadas em determinadas ocasiões e cerimônias especiais, muitas vezes, são feitas como forma de agradecimento e homenagem aos Orixás ou a outros seres.⁴ Mais importante do que isso, aliás, é o fato de que casas de culto (Ilês no Candomblé) ou terreiros (na Umbanda) são lugares por excelência de identidade e pertencimento religioso para os fiéis destes cultos.

De acordo com a minha percepção, nesta cena da novela “Vai na Fé”, a ancestralidade africana parece bem representada. Assim, o personagem central da cena, Ben, come o amalá⁵ com as mãos; os figurinos de todos os personagens da cena são bem detalhados; há a presença das guias que representam, no Candomblé, os diferentes Orixás, e do *gêlé* (os lenços na cabeça dos filhos de santo), das roupas brancas; a música e as danças como expressão da fé, o uso dos atabaques que são usados para convocar as entidades e a forma como saudaram os Orixás tocando o corpo no chão, assim como acontece nos terreiros.

4.3 Recepção da veiculação de conteúdos afro-religiosos nas telenovelas

Para contribuir com a análise do conteúdo focado nessas duas telenovelas, realizei uma pequena pesquisa de campo, empírica e de teor etnográfico, com visitas e observação participante junto a dois terreiros de Umbanda. Contudo, a observação participante mais intensa e frequente foi feita no terreiro cujo nome é “Templo de Umbanda do Velho Dari, Rei Congo, Caboclo Tupinambá”, localizado na Zona Sul, na cidade de São Paulo. A pesquisa também contou com outras técnicas de registro de informações e dados, como a realização de conversas informais com fiéis dessas religiões; três entrevistas abertas e de profundidade; e a aplicação de um questionário, elaborado pelo google forms, e inserido nas seguintes redes sociais: instagram e whatsapp.

As questões do formulário foram dissertativas e iguais para ambas telenovelas, identificando também o nome e a religiosidade dos participantes, e visavam captar o que mais

⁴ No contexto brasileiro, existem diálogos entre diferentes religiões de matriz africana, casas de culto ou terreiros, podendo existir terreiros de Umbanda que incluem entre as suas práticas, os Orixás do Candomblé.

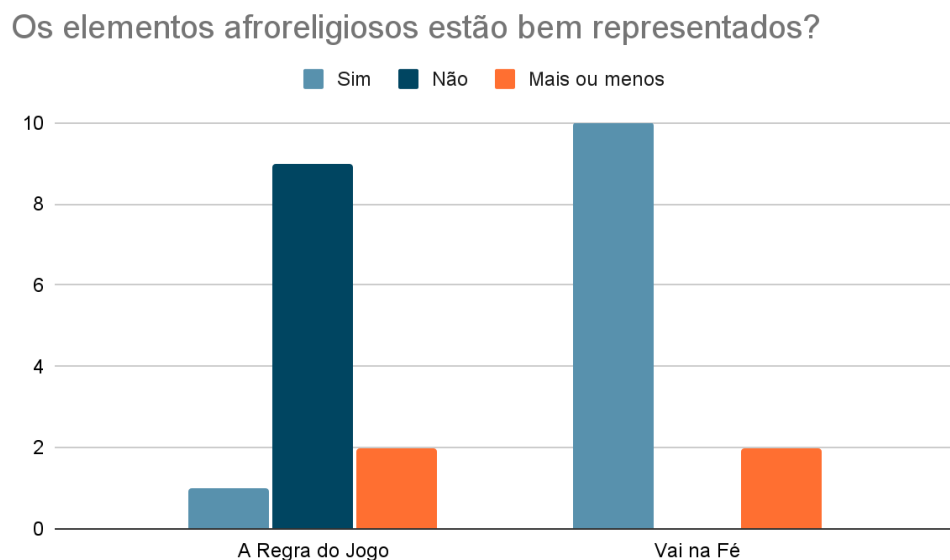
⁵ É uma oferenda ofertada a um Orixá.

chamava a atenção nos episódios. O objetivo foi ampliar a compreensão de como estes religiosos percebiam que suas crenças e práticas estavam sendo representadas.

O questionário aplicado teve 11 respostas. Considerando o total de participantes desta minha pesquisa exploratória e da sua amostra geral (com questionário do google forms e duas entrevistas abertas), 12 pessoas se identificam como seguidores das religiões de matriz africana, os outros dois se consideravam, respectivamente, espírita kardecista-católico e um outro, evangélico. Assim, optei por desconsiderar na minha análise essas duas últimas respostas, já que estavam fora dos objetivos da presente pesquisa.

Abaixo apresento um gráfico com os resultados totais da aplicação tanto do questionário do google forms quanto das entrevistas abertas.

Gráfico 1 - Respostas do formulário.



Fonte: autoria própria, 2023.

Como pode-se observar no gráfico, a maioria dos religiosos que responderam ao formulário (9) apontaram que os elementos das religiões de matriz africana não estavam bem representados na cena retirada da novela “A Regra do Jogo”, enquanto na cena da novela “Vai na fé”, a maior parte dos fiéis entendem que a retratação corresponde a realidade dos terreiros candomblecistas.

Uma das religiosas entrevistadas - 20 anos, umbandista do Templo de Umbanda Pai Romão e estudante de jornalismo - diz sua opinião a respeito da primeira novela:

“Ao mesmo tempo que eu entendo que essa é uma cena humorística, eu não achei graça porque os elementos do culto de Umbanda não estão bem representados. Não é várzea, não é festa, ninguém entra

daquela forma e foi uma deturpação a partir do momento que ela bebeu e entrou dentro de uma gira. Isso não aconteceria em nenhuma casa séria de Umbanda. Não teria a menor possibilidade de chegar uma pessoa bêbada em uma casa de Umbanda e agir como se fosse qualquer uma das outras pessoas que estavam lá, exercendo seu trabalho. Talvez para as pessoas que não tem conhecimento dessa religião pode ser que seja uma cena engraçada, mas para mim e para outras pessoas que fazem parte do meu culto, que é um culto de umbanda, as pessoas não achariam graça justamente pela má representação dos elementos afroreligiosos”.

Outros religiosos que responderam ao formulário também ressaltaram que a forma da representação da pessoa bêbada em um culto afroreligioso dá a impressão de que a personagem está brincando de incorporar, o que não condiz com a realidade dos terreiros.

Quando questionado, no formulário, sobre o que mais chamou a atenção na telenovela “Vai na Fé”, outro entrevistado - 35 anos, umbandista da Tenda de Umbanda Pai Joaquim de Angola e executivo de contas - diz:

“O que me chamou atenção é que ela focou realmente em expor os propósitos da religião e parece que os diretores das cenas se informaram e foram bem fiéis à realidade dos trabalhos candomblecistas, trazendo até curiosidade para quem não conhece e emoção para quem pratica, porque é uma cena muito linda e que representa a religião com a sua essência. Os elementos estão muito bem retratados, desde as vestimentas da corrente, o ilê, os paramentos dos Orixás e a organização do trabalho, demonstrando o ritual como é, com seus elementos e fundamentos”.

Outros 10 respondentes do questionário também responderam que sentiram suas religiões bem representadas na telenovela. As duas pessoas que responderam “mais ou menos” na pesquisa, justificaram que não acreditavam que uma gira pararia apenas para receber o personagem Ben entrando na cerimônia, mas que entendiam que é cenográfico, além disso, uma delas, notou a quantidade expressiva de pessoas pretas diante das brancas, na representação da novela, e que não condiz mais com a realidade dos terreiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de conteúdos afro-religiosos em duas telenovelas, cujo período de produção e lançamento possui uma distância (sete anos), permitiu algumas impressões a respeito de transformações no modo como esses conteúdos estão sendo retratados na programação de telenovelas da emissora Rede Globo. A novela mais recente, de 2023, "Vai na Fé", parece demonstrar uma maior preocupação dos seus roteiristas e diretores com relação às

concepções e práticas de religiões de matrizes africanas. Aliás, em entrevistas publicadas em veículos da mídia, como no Gshow, esses diretores afirmaram ter empreendido uma pesquisa de profundidade sobre aspectos cosmológicos e rituais destas religiões. Um destes diretores, inclusive, contou que possui proximidade com algumas destas religiões.

A reprodução de aspectos de manifestações religiosas de matriz africana, nas telenovelas brasileiras, quando feita a partir de uma fundamentação em estudos acadêmicos e também com consulta às pessoas ligadas a estas manifestações, pode contribuir muito para a ampliação da legitimidade social destas religiões e de seus fiéis. Ao adotarem esse tipo de procedimento para a produção de seus diferentes conteúdos, as emissoras televisivas podem, assim, atuar como importantes agentes para a desconstrução de preconceitos religiosos, e para a promoção de uma convivência, na sociedade brasileira, entre as diferentes expressões religiosas.

REFERÊNCIAS

ANCINE. TV Aberta - Informe anual 2016. Disponível em:

<<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes-1>>. Acesso em: 30/03/2023.

Audiência Da Cor do Pecado: veja números detalhados da novela. Tv Foco. Disponível em:

<<https://www.otvfoco.com.br/audiencias-detalhadas-conheca-os-numeros-das-novelas/audiencia-da-cor-do-pecado-detalhada-ibope/>>. Acesso em: 26/04/2023.

Audiência detalhada de novelas/Novela das nove. Disponível

em:<https://tvglobofandom.com/pt-br/wiki/Audi%C3%Aancia_detalhada_de_novelas/Novela_das_nove>. Acesso em: 10/10/2023.

BANDEIRA, Olívia. Mídia, religião e política: igrejas cristãs intensificam presença na esfera pública. *Diplomatique*, 2018. Disponível em:

<<https://diplomatique.org.br/midia-religiao-e-politica-igrejas-cristas-intensificam-presenca-na-esfera-publica/>>. Acesso em: 22/03/2023.

BEZERRA, Edvania ; RODRIGUES, Francilene. Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões de matriz africana na televisão brasileira. *Interfaces Científicas Humanas e Sociais*, Aracaju, v. 5, n.2, p.67 - 80, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/2857/1920>>.

BEZERRA, Rose ; SANTOS, Sérgio. Igrejas nas Telas: A Presença de Conteúdo Religioso nas Emissoras de Canais Abertos em Brasília -DF. *Revista Comunicação Cultura e Sociedade*: Brasília, v. 7, n.12, 2021.

Confira o resumo de todos os capítulos de Da Cor do Pecado. TV História, 2021. Disponível em:

<<https://tvhistoria.com.br/confira-o-resumo-de-todos-os-capitulos-de-da-cor-do-pecado/>>.

Acesso em: 26/04/2023.

Da Cor do Pecado – Resumo dos capítulos 37 a 48 da novela da Globo. Amonovelas, 2019. Disponível em: <<https://amonovelas.com.br/novelas/da-cor-do-pecado-resumo-dos-capitulos-37-a-48-da-novela-da-globo/>>. Acesso em: 25/04/2023.

DOMINGUES, R. Vai na Fé quebra tabus e emociona web ao retratar de forma inédita ritual de candomblé; veja. Gshow, 2023. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/vai-na-fe/noticia/vai-na-fe-quebra-tabus-e-emociona-web-a-o-retratar-de-forma-inedita-ritual-de-candomble-veja.ghtml>>. Acesso em: 17/04/2023.

GOULART, Sandra L. "A política das religiões ayahuasqueiras brasileiras: droga, religião e direitos". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 39(2): 200-221, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)

MARTINO, L. M. Sá. *Mídia, religião e sociedade – Das palavras às redes digitais*. São Paulo: Paulus, 2016.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

Participação religiosa na mídia brasileira. *Intervozes*, 2017. Disponível em: <<https://brazil.mom-gmr.org/br/destaques/participacao-religiosa-na-midia/>>. Acesso em: 21/03/2023.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p.15 - 34, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/108/104>>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930: “Entre “homens de ciencia”*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 23 - 43, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX: “O negro nas diferentes seções dos jornais: uma visão sincrônica”*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 115 - 192, 1987.